

O apogeu do modernismo em Cassiano Branco: 1928-1939

Paulo Jorge dos Mártires Batista (AML/CML)

Cassiano Branco no Arquivo Municipal de Lisboa

O Arquivo Municipal de Lisboa (AML) tem à sua responsabilidade informação de valor incalculável para o estudo da arquitetura portuguesa. Entre outros exemplos, destaca-se a documentação de Cassiano Branco, Francisco Keil do Amaral, Ruy Jervis d'Albuquerque e José Luís Monteiro, que se afirmam como fundos documentais independentes no quadro de classificação do AML, complementados com os processos de obras particulares dos projetos de arquitetura correspondentes.

O Fundo Cassiano Branco é constituído por 13.437 documentos, de que uma parte substancial, 9.350, são recortes e revistas¹ que este arquiteto acumulou ao longo da sua vida. Encontra-se acondicionado em 109 pastas, 10 rolos e 52 caixas, de acordo com as características de cada documento. Em termos de suportes esta documentação apresenta-se em negativo de gelatina e prata em vidro, negativo de gelatina e prata em nitrato de celulose, prova em papel de revelação baritado ou sem barita, marion, ozalide, papel, tela e vegetal. Está disponível à consulta em microfilme e à distância, através do sítio *web* do AML, onde é possível aceder aos níveis do fundo, série, documento composto e documento simples, integralmente descritos, com as imagens associadas, sem restrições de acesso.

O arquivo particular de Cassiano Branco foi adquirido pelo Município de Lisboa em 1990. Esta documentação chegou ao AML em maços e rolos, nalguns casos acompanhados da lista descritiva do respetivo conteúdo, sendo que a ordem original se perdera, situação que, tanto quanto possível, foi corrigida. A classificação posterior foi feita a partir das tipologias arquitetónicas existentes, com o objetivo de estabelecer os diferentes projetos documentados. Desta forma a classificação é temática, encontrando-se as séries constituídas por cada um dos respetivos projetos individuais, que por sua vez englobam toda a documentação respeitante ao mesmo projeto². Estes projetos são compostos não apenas por documentação de natureza arquitetónica, como planos, cortes ou alçados, mas também por toda aquela que, *à partida*, não o sendo, concorre para a mesma, como recortes de imprensa, fotografia, bilhetes-postais, correspondência, etc., que, dessa forma, se encontram reunidos. A documentação de natureza privada e aquela com características técnico-científicas ou académicas foi considerada em áreas distintas, constituindo-se nestes casos séries que respeitaram as diferentes tipologias documentais existentes.

¹ Esta série engloba documentação relativa a temas diversos e de conteúdo muito heterogéneo, tais como artes plásticas, arquitetura antiga, arquitetura funerária, arquitetura habitacional moderna, arquitetura religiosa moderna, arquitetura tradicional e regional, artigos técnicos e científicos, barragens, portos e pontes, edifícios para comércio e indústria, edifícios públicos e administrativos, equipamentos e atividades culturais, equipamentos e atividades desportivas, equipamentos turísticos e recreativos, estruturas e materiais de construção, estruturas móveis, folhetos turísticos, literatura infantil e humorismo, memórias e monumentos comemorativos, mobiliário, parques, jardins e fontanários, relógios, máquinas fotográficas e aparelhos cópticos, trabalhos artísticos em metal, joalheria e numismática, urbanismo, viação e transportes, e ainda assuntos vários com temáticas que vão desde a fotografia publicitária a acontecimentos e personagens históricas.

² PORTUGAL. Arquivo Municipal de Lisboa – *Cassiano Branco – História custodial e arquivística* [Em linha]. Lisboa: AML, 2015 [Consult. 08.01.2015]. Disponível na Internet: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/fundos-colecoes/espolio-de-arquitetura/cassiano-branco/>>

Séries de quadro de classificação do Fundo Cassiano Branco:

- SR 01 – Portugal dos Pequenitos
- SR 02 – Projetos para comércio e indústria
- SR 03 – Projetos para concursos públicos
- SR 04 – Projetos para estruturas móveis
- SR 05 – Projetos para arquitetura habitacional
- SR 06 – Projetos para equipamentos de espetáculos
- SR 07 – Projetos para equipamentos hidroelétricos
- SR 08 – Projetos para equipamentos turísticos
- SR 09 – Estudos e projetos de urbanismo
- SR 10 – Projetos para edifícios de utilização pública
- SR 11 – Estudos técnico científicos
- SR 12 – Documentação particular
- SR 13 – Mapas e plantas
- SR 14 – Coleções
- SR 15 – Recortes e revistas

A opção por Cassiano Branco

Na história da arquitetura moderna em Portugal, é o primeiro período designado por *anos 30*, mas que se desenvolve entre 1925 e 1939, que tem despertado mais atenção por ser aquele em que foram apresentadas novas formas que alastraram pela cidade.

A prolixa e diversificada obra de Cassiano Branco, de grande riqueza formal, desenvolvida entre meados dos anos 20 e o final da década de 1960, afirmou-o como um dos arquitetos que mais indelevelmente marcam não só a primeira geração moderna, embora não tenha feito parte do grupo de pioneiros, mas a história da arquitetura portuguesa da primeira metade do século XX, de que é, seguramente, um dos mais conhecidos e estudados.

O contexto histórico da sua vasta e notável obra, associado à sua personalidade difícil, é indissociável para compreender a complexidade, de um percurso muitas vezes polémico, que iniciando-se no período pré-modernista da I República tende a ser interpretado à luz da modernismo e do “Português Suave”.

De facto, é possível distinguir claramente na obra de Cassiano Branco duas fases distintas. A primeira, que este artigo se propõe analisar, iniciada pouco depois de concluir a sua licenciatura, vai até finais dos anos 30 do século XX, na qual Cassiano Branco se afirma como um dos mais extraordinários arquitetos modernos portugueses, caracteriza-se por projetos de extrema criatividade como o Hotel Vitória e a volumetria e o interior do Éden-Teatro. A segunda, já na década de 40, revela uma cedência ao estilo normalmente apelidado de Arquitetura do Estado Novo, em que a perseguição a Cassiano Branco, por parte deste regime, o impediu de expressar o génio dos primeiros anos.

Excluído, quase sempre, pelas fortes convicções políticas, a favor de arquitetos politicamente alinhados com a ordem imposta pelo Estado Novo³, de que era opositor declarado, dos concursos para lecionar na Escola de Belas Artes de Lisboa e das encomendas oficiais de maior estatuto e visibilidade, a parte mais considerável da sua obra tem origem no cliente particular e no construtor civil, maioritariamente através de encomendas de prédios de rendimentos, que vai integrar na malha urbana existente, generalizando o estilo Cassiano, que deixou marcas profundas na cidade de Lisboa ao longo das décadas seguintes.

³ Em 1958 chegou a ser preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), por ter apoiado a campanha do general Humberto Delgado à Presidência da República.

Cassiano Branco e a sua época

Cassiano Branco nasceu em Lisboa a 13 de agosto de 1897, na rua do Telhal, junto aos Restauradores, no começo da avenida da Liberdade, para a qual desenhará alguns dos seus projetos mais emblemáticos, de acordo com o seu sonho de fazer desta artéria um *boulevard* vibrante de luz e movimento, à imagem de Paris.

Depois de iniciar o seu percurso de instrução primária em 1903 numa escola localizada entre as Escadinhas do Duque e a calçada da Glória, onde conhece o futuro engenheiro Ávila do Amaral, que com ele elaborará vários projetos de edifícios de habitação, e, posteriormente, em 1912, no liceu, na Escola Académica, Cassiano Branco matricula-se, pela primeira vez, em 1919, na Escola de Belas Artes de Lisboa. Vai ser aqui que Cassiano Branco inicia o seu contacto com o ambiente artístico da época e onde se irá cruzar com uma geração de arquitetos que se vai revelar determinante na renovação estilística da arquitetura portuguesa no segundo quartel do século XX. Na Escola de Belas Artes de Lisboa, Cassiano Branco travou conhecimento com Pardal Monteiro, Cristino da Silva, Cottineli Telmo, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Paulino Montez, Veloso Reis Carmelo, Raúl Tojal, Adelino Nunes, etc.:

Esta nova geração que entrará em cena no 2º quartel do século XX começa por ensaiar estilizações classizantes e simplificadas e experimentando um formulário *art deco*, como ponto de partida para uma assimilação das dinâmicas do centro da Europa, desde o racionalismo monumental italiano, ao expressionismo da arquitetura alemã, ou ao plasticismo holandês, assumindo-se no panorama nacional como um desígnio de “pioneirismo”⁴.

Cassiano Branco interrompe o curso na Escola de Belas Artes de Lisboa, desiludido com o ensino ultrapassado baseado no modelo francês, profundamente desatualizado em relação ao pensamento teórico e projetual vanguardista produzido em Itália, Reino Unido, Alemanha ou União Soviética, ingressando no Ensino Técnico-Industrial. Segundo Paulo Tormenta Pinto, “o distanciamento da formação clássica para abraçar uma cultura mais técnica, próxima da indústria, acabava por lhe possibilitar uma leitura dos tempos que será fundamental na distinção da sua atividade de arquiteto”⁵.

Conclui o curso de Arquitetura em 1926, com 29 anos, em que os sucessivos chumbos na cadeira de Desenho de Figura Humana e Ornato lhe atrasam o percurso em relação aos seus colegas mais proeminentes, como Pardal Monteiro ou Cottineli Telmo, não participando na primeira fase do moderno em Portugal.

No início dos anos 20, data em que Walter Gropius fundava em Weimar a *Bahaus*, paradigma do ensino moderno em arquitetura, Portugal encontrava-se dilacerado por profundos conflitos políticos e sociais, designadamente entre republicanos e monárquicos e entre o Estado, o patronato e os movimentos operários⁶.

Pela positiva salienta-se a afirmação de um ambiente de cultura de vanguarda em Portugal, sobretudo pela presença do casal Delaunay, que foi determinante nesse sentido. Também o regresso a Portugal de Amadeu de Souza Cardoso e Guilherme Santa-Rita, que se encontravam em Paris, e a vinda para o nosso país do designer suíço Fred Kradolfer, criam um ambiente favorável à experimentação de todas as questões artísticas modernas.

Ao contrário do que sucedia na Europa, onde no primeiro quartel do século XIX inúmeras obras modernas foram construídas por todo o continente, em 1928, ano apontado por Gideon como correspondente ao apogeu da arquitetura moderna, ainda não existia em Portugal qualquer edificação associada a esse movimento. A nova corrente moderna só tardiamente se iniciou em Portugal, a partir de 1925, sob a influência da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels* de Paris, realizado nesse ano, e que, no respeitante a Cassiano Branco, foi determinante por lhe ter permitido o contacto direto com as linguagens modernas de vanguarda, desde o geometrismo *Art Déco* ao racionalismo modernista de Le Corbusier. Em Paris, foi igualmente fundamental na definição da atividade projetual de Cassiano Branco ter podido beber da “racionalidade construtiva, da utilização do betão, que utilizará profusamente, e dos novos materiais, da exploração volumétrica e do sentido urbano da composição das fachadas, aspetos marcantes a que se vão juntar valores plásticos e preocupações

⁴ PINTO, Paulo Tormenta – *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitetura e artifício*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007, p. 22.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 24.

⁶ BÁRTOLO, José – *Cassiano Branco*. Lisboa: Quidnovi, 2011, p. 10.

teóricas encontradas nas avançadas correntes europeias⁷. A aditar à incapacidade de ação e individualismo imperante, outra razão que explica que a nova corrente moderna apenas se tenha difundido em Portugal, a partir de 1925, deve-se ao isolamento cultural do nosso território, desde logo por razões de localização periférica, agravadas pelas incompatibilidades com a Espanha, que isolava o país do resto da Europa, e particularmente de Paris, centro europeu artístico por excelência. A divulgação do modernismo processava-se nesta época, em regra, através do meio académico ou oficial, contrários à inovação. No mesmo sentido, contribuíram para a sua propagação arquitetos como Cristino da Silva, através do seu estúdio, em Paris, no ateliê de Victor Laloux, a partir de 1920, e Carlos Ramos primeiro divulgando a arquitetura alemã e mais tarde com o seu contributo teórico a propósito da *Moderna Arquitetura Holandesa* e em particular das obras de Dudok como a Câmara de Hilversum⁸. Também é de salientar, em 1932, a participação de Pardal Monteiro nas reuniões realizadas na União Soviética, promovidas pela revista *L'architecture d'aujourd'hui*, de que vai ser o correspondente em Portugal, para debate das realizações soviéticas.

Neste período destaca-se a obra de alguns arquitetos que, apesar de fazerem parte da geração de Cassiano Branco, como referido, por terem concluído o curso mais cedo, puderam participar na primeira fase do movimento moderno na arquitetura, nomeadamente Cristino da Silva, Pardal Monteiro e Carlos Ramos, quase sempre num contexto de contratação pública. O aparecimento destes arquitetos é indissociável dos políticos que assumem o poder após a revolução de 1926, que põe fim à I República, conduzindo ao regime da Ditadura Nacional, designado de Estado Novo, a partir de 1933, que governará Portugal até 25 de Abril de 1974. O novo regime vai apostar na construção de obras de grande envergadura, em que o nome de Duarte Pacheco é incontornável, que serão desenvolvidas, na sua maioria, por estes jovens arquitetos “pioneiros”⁹. Esta premissa demarca a nova geração de arquitetos, mais empenhados na projeção da monumentalização do Estado Novo¹⁰ e nas obras públicas fundamentais para a economia do país, de Cassiano Branco, afastado da encomenda pública, cujos trabalhos contratados tinham origem no cliente particular e no construtor civil. Ironicamente, tal vai revelar-se determinante para que tenha sido o mais espetacular e cosmopolita arquiteto da sua geração, aquele que soube melhor integrar o contributo das vanguardas artísticas europeias, o que mais avançou no ecletismo das propostas abrangidas e na profundidade com que estabeleceu as suas sínteses, atualizando a produção corrente do prédio de rendimento, facilmente repetível, e renovando a imagem da cidade. Para José Bártolo, tal também se explica pela idade avançada de Cassiano Branco, quando comparada com os seus pares, com que conclui o curso de Arquitetura e inicia a atividade profissional. Este autor refere ainda as inúmeras viagens que ele fez na Europa (França, Holanda, Bélgica e Inglaterra), especialmente nos anos 20 e 30, pelo interesse com que se manteve a par das novas teorias no campo da arquitetura, urbanismo e artes plásticas¹¹, e por, desde muito cedo, ter ateliê próprio, onde pode dar largas à criatividade sem restrições ou constrangimentos.

A arquitetura modernista

Regressado da importante viagem a Paris, em 1925, Cassiano Branco inicia a atividade de arquiteto diplomado no ano seguinte. Todavia, a sua atividade projetual já começara em 1921 com uma proposta para o Mercado Municipal da Sertã, com um projeto para o edifício da Câmara Municipal da mesma vila beirão, em 1925, e outro, em 1927, para a residência dos magistrados dessa povoação, nos quais ainda se evidencia uma estilística de raiz clássica, reflexo da sua formação académica na Escola de Belas Artes de Lisboa.

O primeiro projeto onde Cassiano Branco assume uma personalidade moderna data de 1928, na segunda proposta para o *Stand* Rios de Oliveira (processo de obra particular número 18.495), no n.º 227 da avenida da Liberdade, desenvolvido em dois níveis cuja ligação era feita por elevador, uma novidade na época.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁸ CARVALHO, Maria Mendes de Jesus – *Cassiano Branco: a obra*. Lisboa: [s.n.], 1998. Tese de mestrado em Teoria da Arquitetura, apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa, p. 31-32.

⁹ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 22.

¹⁰ De que são exemplos os projetos da alameda D. Afonso Henriques, da praça do Areiro e da Exposição do Mundo Português, de 1940, para lá de inúmeras esculturas alusivas ao glorioso passado português um pouco por todo o país, mas sobretudo em Lisboa.

¹¹ Ver nota 1, demonstrativa de que quando Cassiano Branco viajava pela Europa adquiria todo o tipo de revistas estrangeiras onde pudesse inspirar-se para a sua produção arquitetónica.

Esta garagem, de estética vagamente *Art Déco*, infelizmente já demolida, encaixada entre dois prédios antigos, para recolha de automóveis, com uma cobertura de vidro de grandes dimensões, contrastava com a continuidade dos prédios de habitação neo-pombalinos. “Combinava uma estrutura mista, em que a fachada de alvenaria tradicional se relacionava com uma estrutura em betão armado, sendo a sua cobertura composta por uma estrutura metálica”¹².



Figura 1 - AML- Autor não atribuído, [*Stand Rios de Oliveira*], [1928], PT/AMLSB/CB/02/08.

Um ano mais tarde, em 1929, Cassiano Branco recebe a encomenda para intervir em duas salas de espetáculos: o Coliseu dos Recreios (processo de obra particular número 11.299) e o Éden-Teatro (processo de obra particular número 18.495). No caso do Coliseu dos Recreios trata-se de um projeto de alterações a efetuar nos corredores, no palco e na cúpula. Já o trabalho a desenvolver no Éden-Teatro era bastante mais controverso e ambicioso, mormente a ampliação deste espaço, com o objetivo de tornar possível a exibição do cinema sonoro e a aumentar o número de espetadores.

O Éden-Teatro era uma característica sala de espetáculos do século XIX, num edifício de fachada eclética, com montras para lojas no rés-do-chão, um bar, acessos no primeiro andar e um balcão sobre a plateia, que ocupava o segundo piso.

No seu primeiro projeto, Cassiano Branco cingiu-se a modernizar a fachada segundo um gosto *Art Déco* e a introduzir pavimentos em betão nos dois primeiros andares, para lá de remodelar o teto da sala de espetáculos com placas de fibrocimento e alterar a localização da entrada. Para a fachada propôs uma galeria em vidro, horizontal, que acompanha todo o primeiro andar, com uma profusão de elementos verticais na zona correspondente à sala de espetáculos.

Cassiano Branco executou mais duas propostas para o Éden-Teatro. A primeira, de 1930, estabelece uma rutura absoluta entre a escala do edifício existente e a nova fachada que agora era proposta, mantendo-se, todavia, os espaços comerciais, com o objetivo de estabelecer uma articulação com a fachada do palácio adjacente. A segunda proposta, de 1931, de longe a mais arrojada, é o primeiro trabalho em que Cassiano Branco evidencia as características estilísticas que definiram a sua obra neste período, afirmando-se como um projeto fundamental na sua carreira. Trata-se de um espetacular desenho modernista, organizando a dinâmica fachada, não construída, assumidamente *Art Déco*, numa sucessão de semicilindros com mármore

¹² PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 39.

e vidros, coroada nas extremidade por altas lanternas, que reforçam a verticalidade do edifício. Esta proposta enquadra-se perfeitamente nas ideias, tão caras a Cassiano Branco, de uma cidade feérica, plena de movimento e luz, ao enquadrar o novo Éden num fervilhar de peões e automóveis.



Figura 2 - AML - Cassiano Branco, *Éden Teatro: Perspetiva*, [1931], PT/AMLSB/CB/06/01/08.

A dinâmica e fluidez da fachada prolonga-se no interior do edifício, onde os elevadores e um sistema de escadas de grande complexidade partem do grande átrio da entrada, no rés-do-chão de frente para a praça dos Restauradores, para todos os pisos. A procura de soluções para a acústica, segurança e climatização do novo Éden levaram Cassiano Branco a consultar especialistas internacionais, algo de inédito, até então, em Portugal.

Sendo possivelmente a obra mais emblemática de Cassiano Branco, e um dos marcos na arquitetura moderna portuguesa, o projeto do Éden-Teatro, que apenas foi inaugurado a 1 de abril de 1937, é, contudo, atribuído ao arquiteto Carlos Dias, seu colaborador, que o concluiu, e ao engenheiro civil Alberto Alves Gama, num percurso pródigo em polémica. Todavia, os elementos mais notáveis do Éden-Teatro encontram-se nas duas primeiras propostas de Cassiano Branco, que nunca reivindicou a sua autoria, pese esta ser unânime entre os estudiosos da sua obra¹³.

Ainda numa fase inicial do seu vasto e multifacetado percurso, Cassiano Branco, com apenas 32 anos, apresentou em 1930 dois dos seus projetos mais ambiciosos e vanguardistas, cada um documentado numa única perspetiva e que nunca chegaram a passar do papel: o Plano da Costa da Caparica e a Cidade do Cinema Português, em Cascais, ambos a pedido de um grupo económico.

O Plano da Costa da Caparica, que se estendia até à Fonte da Telha, é um projeto raro de Cassiano Branco no que diz respeito à organização de grandes espaços exteriores, que apenas teve continuidade no plano para uma estrada que circula a cidadela de Cascais, nos projetos para as hidroelétricas e no Concurso para o Monumento ao Infante de Sagres.

Esta visão exuberante é o grande projeto utópico da arquitetura portuguesa dos anos 30, que revela o interesse de Cassiano Branco pela escala e pelos problemas do urbanismo, bem como as influências das

¹³ FERREIRA, Raúl Hestnes; SILVA, Fernando Gomes – *Catálogo Cassiano Branco*. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1983, p. 14.

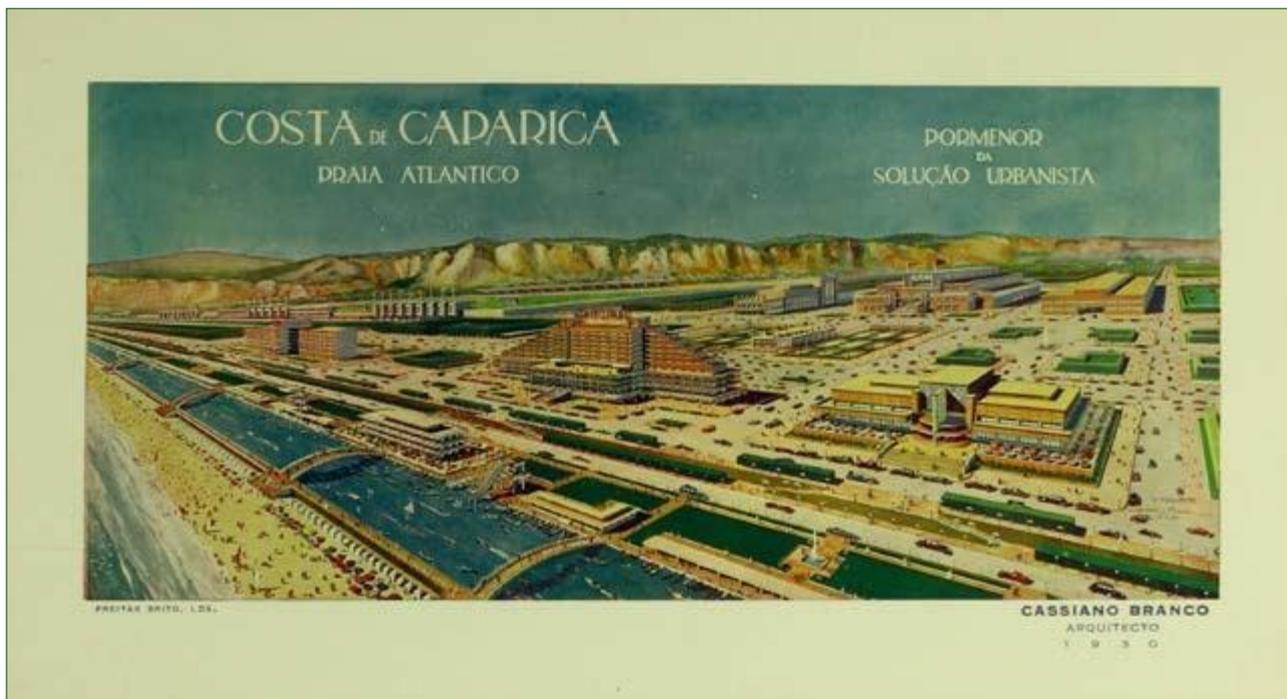


Figura 3 - AML - Cassiano Branco, *Costa de Caparica – Praia Atlântico: Pormenor de solução urbanística*, 1930, PT/AMLSB/CB/09/02/06.

propostas da *Cittá Nuova de Sant'Ellia* e dos modelos da *Cité Industrielle* de Tony Garnier¹⁴. Trata-se da obra de um extraordinário visionário moderno, que nos apresenta uma fantástica cidade, onde não cabe a habitação permanente, destinada às massas, por analogia à elitista Estoril. Da sua observação sobressai imediatamente o amplo canal, paralelo ao mar, destinado à prática de desportos náuticos, como complemento da praia. Um conjunto de pontes pedonais permite aceder a todas as infraestruturas para as férias e tempos livres: dois hotéis, um de luxo com mil e quinhentos quartos e outro popular com dois mil quartos, uma grande piscina de cimento assente na praia rodeada por alpendres, toldos e as torres de saltos, uma gigantesca piscina coberta, teatro, cinema, um enorme casino, salões de conferências e festas, campos desportivos com bancadas para o público, teatro ao ar livre com cinco mil lugares, e as mais variadas acessibilidades, como um cais, uma pista para aviões de turismo e inúmeros e amplos parques de estacionamento¹⁵.

Segundo Paulo Tormenta Pinto, este Plano da Costa da Caparica destinava-se a “servir uma sociedade urbana, ascendente, jamais uma proletária. A proposta de Cassiano expressava o cosmopolitismo que se pretendia para Portugal, igual ao dos filmes de Hollywood”¹⁶. Esta aliciante proposta, que parece evocar as descrições de António Ferro¹⁷ das praias californianas e que faria da Costa da Caparica um destino de veraneio mundialmente procurado, dificilmente poderia ser viável, do ponto de vista económico, no Portugal dos primeiros anos do Estado Novo. Todavia, faz-nos pensar, sobretudo considerando o profundo desordenamento urbano atual desta zona costeira e a importância do turismo na economia nacional, na importância que teria para a mesma.

Como referido, este desenho da Costa da Caparica é produzido no mesmo ano da Cidade do Cinema Português, a construir em Cascais. Este projeto, muito mais modesto na escala, comparativamente ao anterior, “relewa de uma direta conexão a Mallet-Stevens e, sobretudo, às suas perspetivas temáticas, editadas sob o título de *Une Cité Moderne*, embora seja patente o rigor de projeto e o virtuosismo de desenho, já muito pessoais, de Cassiano”¹⁸.

¹⁴ BARTOLO, José – *Cassiano Branco*. Lisboa: Quidnovi, 2011, p. 40.

¹⁵ SÁ, Manuel Fernandes de; FERNANDES, Francisco Barata – Sobre um postal - Costa da Caparica. Praia Atlântico - Pormenor de solução urbanística, 1930, Cassiano Branco. In AA. VV. – *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 96.

¹⁶ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 49.

¹⁷ FERRO, António - Hollywood, *Capital das Imagens*. Lisboa: Portugal Brasil, 1931, p. 74.

¹⁸ FERREIRA, Raul Hestnes – Cassiano Branco. In AA. VV. - *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 178.

Excluído das encomendas oficiais, a parte mais substancial da obra de Cassiano Branco provém do cliente particular e do construtor civil, maioritariamente através de encomendas de prédios de rendimento a integrar em malhas urbanas consolidadas, como sucedeu, para o período que nos propomos analisar, na rua Nova de São Mamede, n.º 17A (processo de obra particular número 47.355), de 1933; na rua da Artilharia Um, n.º 18 e n.º 22 (processos de obras particulares números 48.074 e 48.076), de 1934 e 1935; na avenida Ressano Garcia, n.º 20 (processo de obra particular número 48.337), de 1934; nos quatro prédios na calçada do Desterro, com os n.ºs 5, 7, 9 e 11 (respetivamente os processos de obras particulares números 49.020, 48.770, 48.771 e 48.769), de 1934 e 1935; na avenida Álvares Cabral, n.ºs 12 a 14, 13, 30 a 32, 34, 44 a 48 e 50 a 56 (respetivamente os processos de obras particulares números 49.020, 48.770, 48.771 e 48.769), de 1935 e 1936; na avenida da República, n.º 88 (processo de obra particular número 49.156), de 1935; e na avenida dos Defensores de Chaves, n.º 27 (processo de obra particular número 51.324), de 1937.



Figura 4 (da esquerda para a direita) - AML - Autor não atribuído, [rua Nova de São Mamede, n.º 17A], [1933], PT/AMLSB/CB/05/32; Autor não atribuído, [avenida Álvares Cabral, n.º 46], [1936], PT/AMLSB/CB/05/35; Autor não atribuído, [avenida Defensor de Chaves, n.º 27], [1937], PT/AMLSB/CB/05/34.

Raúl Hestnes Ferreira e Fernando Gomes Silva agrupam os prédios urbanos projetados por Cassiano Branco entre 1933 e 1938, que marcaram decisivamente a arquitetura de Lisboa neste período, em diferentes categorias e formas expressivas, salvaguardando que cada obra apresenta elementos de síntese da anterior¹⁹.

Nesse sentido, dos primeiros prédios que desenhou, na rua Eiffel, n.º 9 (processo de obra particular número 47.677), de 1933, com o qual inaugura a noção de arquitetura de acompanhamento, não monumental, uma característica fundamental da sua produção arquitetónica; na avenida Rovisco Pais, n.º 18 (processo de obra particular número 47.243), do mesmo ano que o anterior; e na avenida Santos Dummond, n.º 276 (processo de obra particular número 48.226), de 1934, desenvolvem a temática das varandas salientes prismáticas, cilíndricas e poligonais, agregadas a uma fachada plana. O prédio na rua Nova de São Mamede, n.º 17A, de 1933, é um caso isolado de varandas triangulares não sucessivamente ajustadas ao plano da fachada, afirmando-se como um magnífico exemplo de um prédio de continuidade, rompendo com aqueles onde se situa e propondo uma reconfiguração da arquitetura. O prédio na rua do Salitre, n.º 179A (processo de obra particular número 46.937), de 1934, apresenta varandas sobrepostas alternadamente, de diferentes dimensões, com frisos horizontais. Por sua vez, os prédios na avenida Álvares Cabral, n.ºs 44 a 48; na rua do Arco de São Mamede, n.ºs 93 a 95 (processo de obra particular número 49.890), de 1935; na rua Francisco Manuel de Melo, n.º 28 e n.º 30 (processos de obras particulares números 49.338 e 49.421), também de 1935; na rua Nova do Desterro, n.º 7 e 7A (processo de obra particular número 49.435), de 1935; e no largo de Andaluz, n.º 25 e 28 (processo de obra particular número 49.127), igualmente de 1935, apresentam soluções baseadas em frisos que atravessam, horizontal e verticalmente, a fachada, definindo, e denunciando, delicadamente, os volumes da construção como planos bem enquadrados numa fachada contínua.

Ainda segundo Raúl Hestnes Ferreira e Fernando Gomes Silva, os prédios construídos na calçada do Desterro, nos n.ºs 5, 7, 9 e 11, de 1934 e 1935, “constituem o mais completo conjunto projetado por Cassiano nesta

¹⁹FÉRREREA, Raúl Hestnes; SILVA, Fernando Gomes – *ibidem*, p.15.

época, notável pela diversidade expressiva, como que a sùmula das tipologias que utilizava, mas intrigando por uma aparentemente quase alcançada e talvez não desejada harmonia”²⁰.

Outro prédio de Cassiano Branco, digno de destaque pela depuração e perfeita síntese formal, é o da avenida Álvares Cabral, n.º 46, já referido, pela alternância das faixas horizontais em alvenaria pintada e vidro, interrompidas ao centro por uma lâmina vertical que divide a elegante fachada em duas partes.

Outro edifício deste arquiteto, digno de destaque, é o na rua Nova de São Mamede, n.º 7 (processo de obra particular número 51.011), de 1937, um dos muitos assinados na Câmara Municipal de Lisboa pelo engenheiro Jacinto Bettencourt a partir de 1935, que apresenta semelhanças evidentes com o Hotel Vitória, projetado em 1934.

Finalmente, Paulo Tormenta Pinto realça o prédio na avenida Defensores de Chaves, n.º 27 (processo de obra particular número 51.324), de 1937, pelo “carácter expressionista da fachada, a compactação formal e a organização em planta, fazem dele como que o ponto supremo e concetualmente culminante da sua produção nesta década, em particular ao nível dos programas habitacionais”²¹.

A partir de 1938, são raros os prédios em Lisboa assinados por Cassiano Branco. Esta diminuição também se explica por, a partir dessa data, ele estar ocupado com o projeto do Grande Hotel do Luso e o Coliseu do Porto, para lá do trabalho que já iniciara no Portugal dos Pequenitos, em 1937. Todavia, uma parte significativa das obras de Jacinto Bettencourt, que proliferam a partir de 1938, seriam, garantidamente, da sua autoria, executadas sob a sua orientação. Também o engenheiro Ávila Amaral, que nesta época apresentou inúmeros projetos, assinou alguns da autoria de Cassiano Branco.

Se os primeiros prédios urbanos modernos foram assinados por Cristino da Silva e Couto Martins, posteriormente, no segundo e terceiro quartéis do século XX, Cassiano Branco assume o papel de destaque sobretudo devido à grande quantidade de prédios de rendimento que projetou nos anos 30, contribuindo decisivamente para a popularização da arquitetura modernista. Paulo Varela Gomes apresenta as razões do sucesso do “tipo Cassiano Branco”: “a simplicidade dos seus elementos constituintes e a sua imediata praticabilidade, o facto de serem adaptáveis a quaisquer circunstâncias (nomeadamente a qualquer largura de lote), a dignidade burguesa que os caracteriza, a vulgaridade dos materiais”²², pelo que este modelo estético será largamente replicado, deixando marcas na cidade de Lisboa que se vão fazer sentir ao longo das décadas seguintes, tornando difícil distinguir os originais projetados por Cassiano das cópias, assentes nos mesmos pressupostos estéticos.

O grande mérito de Cassiano Branco foi o equilíbrio com que, por um lado, conseguiu que cada prédio mantivesse a sua “presença como peça arquitetónica autónoma, desenhada dentro de um programa racional e moderno, e, por outro lado, integrando-o na malha urbana, através da sua inserção na continuidade-rua, respondendo assim ao gosto cosmopolita”²³. É nesta lógica urbana, mundana e moderna que se contextualizam os prédios de rendimento projetados por Cassiano Branco, que desejava dotar Lisboa de um cenário feérico de luz e movimento, afinal uma imagem de progresso e vanguardismo, que a aproximasse das grandes cidades europeias.

Como Paulo Varela Gomes assinalou, Cassiano Branco “foi o arquiteto da Lisboa não monumental, da Lisboa de todos-os-dias, dos anos 30”²⁴, pelo que os seus prédios de rendimentos não chamam o protagonismo, antes se diluem no protagonismo da cidade. Cassiano teve ainda o inegável mérito de, pese os inúmeros prédios de rendimento que desenhcou na capital, nunca se ter esgotado na repetição, antes desenvolvendo alçados com programas diferenciados.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 15.

²¹ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 84.

²² GOMES, Paulo Varela – O fazedor da cidade. In AA. VV. - *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 110.

²³ BÁRTOLO, José – *ibidem*, p. 83.

²⁴ GOMES, Paulo Varela – *ibidem*, p. 110.

Paulo Tormenta Pires afirma que:

Os prédios de rendimento, nestes anos 30, eram um laboratório de formas e expressões modernas, a sua quantidade permitia a experimentação das estéticas vanguardistas. A arquitetura corrente servia para experimentar o cubismo, o futurismo, o orfismo, o construtivismo, o expressionismo ou o neo-plasticismo. Em Cassiano a síntese acontece algures entre todas estas afirmações de vanguarda, que eram sempre importadas, quer pelas viagens, quer pelas revistas, ou pelo cinema. A mestria de fazer em moderno e colocar em paridade com todas as outras correntes internacionais uma arquitetura aglutinadora apenas de desejo estético, era a missão de Cassiano Branco²⁵.

Em 1933, Cassiano Branco projeta um conjunto de moradias para a avenida António José de Almeida, nos n.ºs 10, 14, 16 e 24 (respetivamente os processos de obras particulares com os números 46.592, 46.572, 46.573 e 46.590), e para o n.º 19 da rua Xavier Cordeiro (processo de obra particular número 47.027), no bairro social do Arco do Cego, em Lisboa, da autoria de Edmundo Tavares. Paulo Tormenta Pinto destaca nesta arquitetura feita a partir de sólidos puros “o sentido da repetição e das diferenças: na conceção dos projetos, a pureza das composições, a utilização das coberturas planas e sobretudo a noção de série que está subjacente ao conjunto”²⁶. José Perdigão, por sua vez, refere que:

Não sendo as plantas completamente inovadoras, é, no entanto, clara a simplicidade e segurança geométrica das mesmas. A marcação das entradas segundo uma vertical muito afirmada é compensada por uma série de planos de fachada desdobrados, subtilmente, de linhas horizontais produzindo sombra, onde se incluem as aberturas e platibandas. O desenho das caixilharias, guardas metálicas, lambris, rodapés e até puxadores, entre outros, é revelador da coerência da filosofia da forma utilizada por Cassiano²⁷.

Estas moradias têm especial importância na obra de Cassiano Branco ao afirmar-se como o seu primeiro conjunto de estilística internacional, conceptualmente próxima da linguagem de Mallet-Stevens, Loos e Lurçat.



Figura 5 - AML - Autor não atribuído, [Moradias da avenida António José de Almeida], [1933-1934], PT/AMLSB/CB/05/02/09.

Surpreendentemente, em 1934, Cassiano Branco projeta uma moradia de vertente nacionalista na avenida Óscar Monteiro Torres, n.ºs 28/32 (processo de obra particular número 47.870), em Lisboa, para o arquiteto Norte Júnior. Manuel Rio Carvalho refere-se a esta moradia como a “mais banal “estilo casa portuguesa” carregada de ornamentos que se inserem mal nas zonas onde se situam. Podemos admitir que se tratou do mau gosto do cliente, se a compararmos com moradias modernas do ano anterior da Avenida António

²⁵ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 76.

²⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 59.

²⁷ PERDIGÃO, José – Moradias de Cassiano Branco. In AA. VV. - *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 158.

José de Almeida²⁸. No mesmo sentido, podemos ainda apontar para o período de apogeu do modernismo em Cassiano Branco, 1928-1939, outros dois exemplos de arquitetura tradicional portuguesa, de linguagem característica do Estado Novo, nomeadamente o Portugal dos Pequenitos, em Coimbra, inaugurado em 1940, mas que foi a obra em que mais tempo esteve envolvido (1937 a 1962), e o projeto do Grande Hotel do Luso, de 1938. Se o primeiro caso se explica por ser um reflexo da vontade e gosto de Bissaya Barreto, médico, de personalidade fortemente tradicionalista e figura e amigo íntimo de Salazar, o segundo deve-se a imposições da empresa que lhe encomendou a obra.

Regressando ao pródigo ano de 1933, Cassiano Branco projeta um quiosque-esplanada para o café Palladium, inaugurado no ano anterior, localizado a cima do Restauradores, onde se inicia a avenida da Liberdade. Este equipamento, infelizmente já demolido, desenvolvia-se em torno de um pilar redondo, envolvido por uma estrutura de ferro e vidro e era composto por dois pisos. Aproxima-se esteticamente à cultura internacional, integrando-se no desejo de Cassiano Branco de transformar Lisboa, e particularmente esta artéria, para a qual projetou a esmagadora maioria dos seus trabalhos, numa grande metrópole moderna²⁹, plena de edifícios modernos, salas de espetáculos, cafés e outros espaços de ócio, luz e movimento, à imagem das principais cidades europeias.



Figura 6 - AML - Autor não atribuído, [*Quiosque-esplanada para o café Palladium*], [1933], PT/AMLSB/CB/04/06/02.

Em 1934, Cassiano Branco apresenta o primeiro projeto para o Hotel Vitória, localizado na avenida da Liberdade, no n.º 168-170 (processo de obra particular número 48.144). Trata-se, não apenas, de uma das obras mais destacadas deste arquiteto³⁰, mas do modernismo português, afirmando-se como uma das mais marcantes da cidade de Lisboa neste período, e que lhe deu oportunidade de voltar a intervir na sua artéria *fétiche*, na interpretação desta como *boulevard*.

²⁸ CARVALHO, Manuel Rio – Cassiano Branco ou as intermitências do gosto. In AA. VV. - *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 121.

²⁹ Esse desejo levou-o, em 1943, a apresentar um projeto, que foi recusado pela Câmara Municipal de Lisboa, para a construção de um arranha-céus na avenida da Liberdade, com sessenta metros de altura, dezasseis andares, cinco elevadores, um grande centro comercial e habitações com água, luz e aquecimento.

³⁰ Raúl Hestnes Ferreira e Fernando Gomes Silva, referindo-se ao Hotel Vitória, afirmam que é “aquela que talvez seja a obra chave de Cassiano nesta época, estando na charneira da sua atividade arquitetónica nos anos 30, dividindo-a em dois grupos, antes e depois do Hotel Vitória”. FERREIRA, Raúl Hestnes; SILVA, Fernando Gomes – *Catálogo Cassiano Branco*. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1986, p. 15.

A proposta inicial entregue na Câmara Municipal de Lisboa para esta parcela de terreno não tinha como objetivo a construção de um hotel, mas de um edifício habitacional para substituir um em estilo *Art Déco* que lá existia, o que explica as semelhanças morfológicas com os prédios de rendimento. Só mais tarde é que o promotor da obra, Freire e Matos Lda., solicitou a adaptação do projeto inicial para a edificação de um hotel.

Finalmente, em janeiro de 1936, este equipamento fundamental para hospedar turistas na capital fica concluído, tornando-se no primeiro hotel de raiz a ser construído em Lisboa. Possuía 56 quartos e apresentava um conjunto de características que iam do isolamento acústico à climatização, passando pela construção em betão armado antissísmico, aspetos bastante caros a Cassiano Branco, que chegou ao pormenor de intervir na definição de interiores e do mobiliário, algo que nunca fizera. Todavia, é na fachada, uma solução original na obra de Cassiano Branco, sobretudo em construções de vários pisos, que este edifício afirma a sua originalidade no percurso deste autor, aproximando-o da arquitetura de pendor expressionista de Mendelsohn e Scharoun, dos estudos do Delaunay e do futurismo de Sant'Elia³¹.

Paulo Tormenta Pinto apresenta-nos uma detalhada descrição desta notável obra:

Os balcões do hotel, sublinhados horizontalmente por tubos metálicos de inox polido, são uma composição de círculos sobrepostos (...). A composição do edifício é realizada a partir da fusão de duas situações morfológicas: um corpo vertical bastante maciço que se funde com outro mais desmaterializado. O primeiro em forma de torreão contempla a entrada e os acessos verticais, sendo rematado superiormente por um plano vertical. O segundo, é composto por dinâmicas varandas que terminam em forma de círculo à volta de um pilar redondo, que na cobertura suporta uma pérgola que caracteriza o terraço. Os cilindros sobrepostos nos balcões, configuram um outro torreão, que já não é denso, nem estático, mas dinâmico e leve. (...). A composição do edifício ao nível do peão é realizada por meio de um jogo volumétrico de sólidos que avançam e recuam e por um cilindro que contempla a receção junto do ingresso, tudo isto materializado em mármore polido com incrustações de folhas de inox que ampliam os brilhos da fachada³².

No ano seguinte, a pedido dos seus proprietários, Cassiano Branco apresentou um plano de ampliação do Hotel Vitória para o lote contíguo a norte, que faria dele um dos maiores da capital, o que não se veio a concretizar.

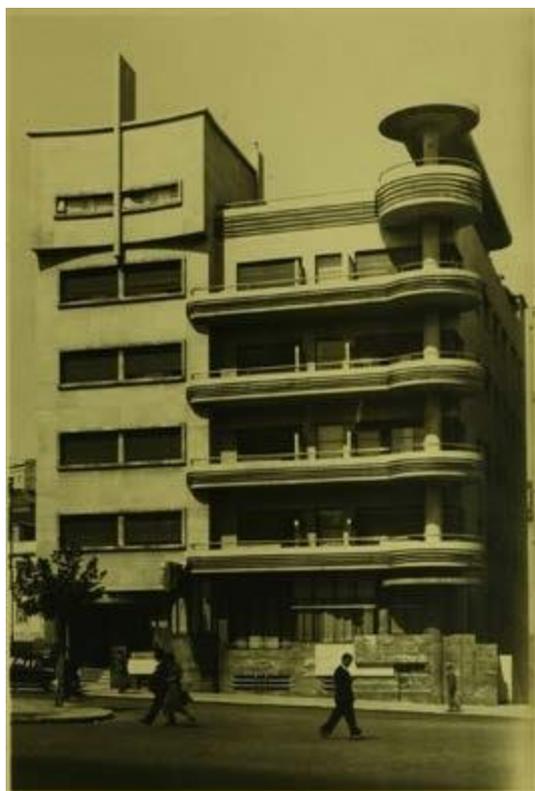


Figura 7 - AML - Autor não atribuído, [*Hotel Vitória: Fachada principal*], [1936], PT/AMLSB/CB/08/02/13.

³¹ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 66.

³² *Idem, ibidem*, p. 66.

Em 1936, Cassiano Branco projeta outra peça de mobiliário urbano de linhas modernas para a praça D. Pedro IV e para a praça dos Restauradores, que, à semelhança do quiosque-esplanada para o café Palladium, apresenta um pilar central e uma estrutura metálica, em forma de uma longa pala, com bastante vidro na superfície. Estes alpendres, que não chegaram a ser construídos, tinham como função proteger as pessoas que saíam dos teatros e cinemas dos elementos climatéricos, mas o que sobressai nele é a horizontalidade dinâmica de Mendelshon³³.

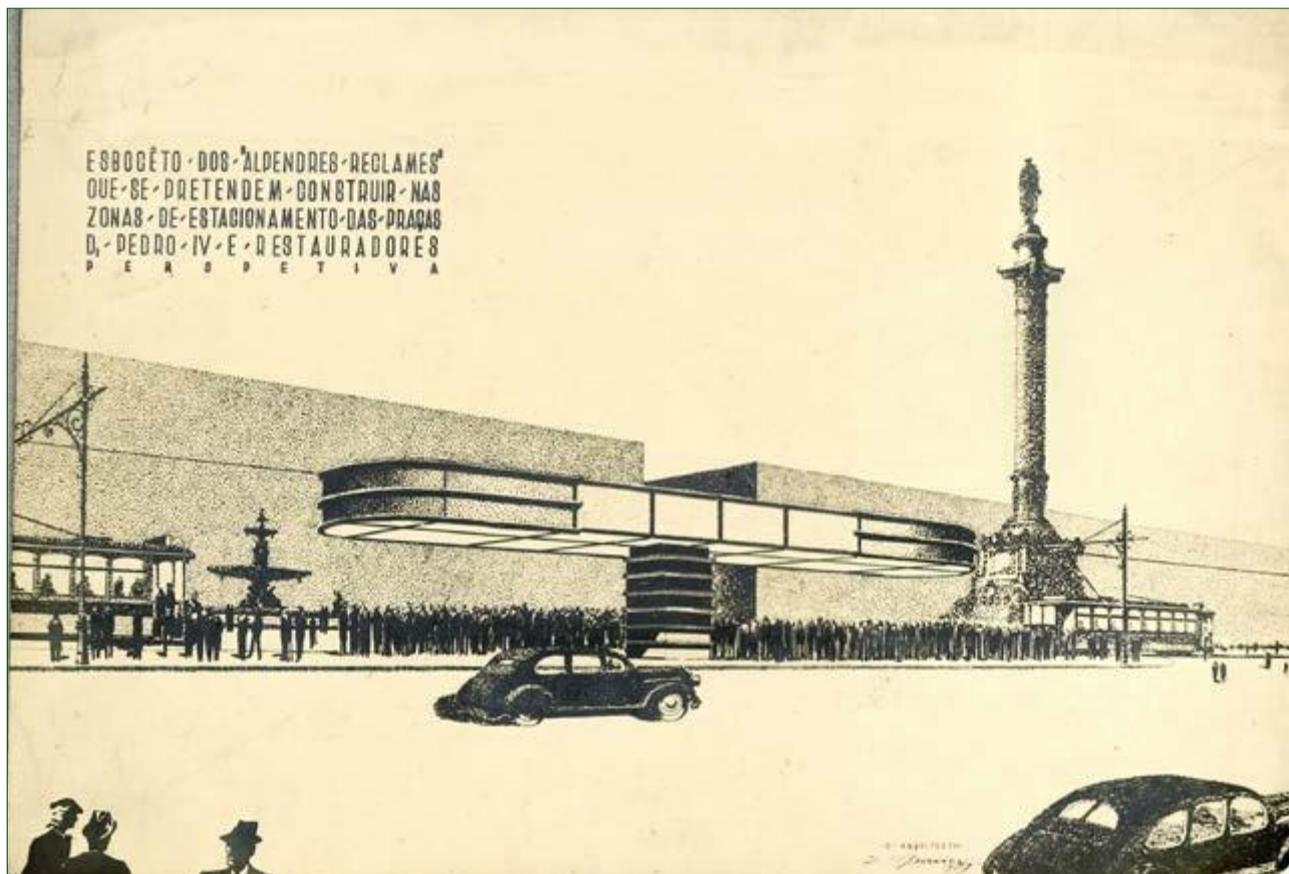


Figura 8 - AML - Cassiano Branco, *Esboço dos alpendres-reclames que se pretendem construir nas zonas de estacionamento das praças D. Pedro IV e Restauradores: perspectiva*, 1937, PT/AMLSB/CB/11/06/01.

Em 1937, curiosamente no mesmo ano em que se inicia a construção do Portugal dos Pequenitos, em Coimbra, Cassiano Branco apresenta um dos seus mais extraordinários projetos afirmativos da modernidade da arquitetura portuguesa dos anos 30 do século XX, localizado no n.º 87 da avenida Columbano Bordalo Pinheiro, em Lisboa (processo de obra particular número 4.162), infelizmente demolida em 1969. Pela configuração cubista, trata-se de uma moradia com semelhanças com aquelas que projetou para a avenida António José de Almeida e para o n.º 19 da rua Xavier Cordeiro, sobressaindo, também aqui, a influência das moradias projetadas por Mallet-Stevens.

José Perdigão afirma que esta moradia é o “resultado de um longo trabalho de experimentação do purismo do jogo sublime de formas simples e frágeis³⁴, destacando-se num primeiro olhar a interceção de sólidos puros e as pérgulas no terraço. Paulo Tormenta Pinto, numa análise mais técnica, refere que “Os corpos balançados soltavam-se dos planos estruturais em betão e possibilitavam a criação de vãos bastante rasgados ou varandas que em alguns casos terminavam em formas arredondadas”³⁵.

³³ TÓUSSAINT, Michel – A vontade da metrópole: da Baixa à Avenida. In AA. VV. - *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991, p. 144.

³⁴ PERDIGÃO, José – *ibidem*, p. 158.

³⁵ PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 86.



Figura 9 - AML - Autor não atribuído, [Moradia na avenida Columbano Bordalo Pinheiro], [1937], PT/AMLSB/CB/05/03/15.

Esta moradia confirma que Cassiano Branco trabalhou as moradias de forma diferenciada da dos prédios. Nestes o seu contributo circunscreve-se, em regra, às fachadas, e raramente ao seu interior, enquanto nas moradias tal verifica-se de forma global, envolvendo a volumetria e a articulação interna do edifício.

Finalmente, em 1939, o Coliseu do Porto, localizado no n.º 137 da rua Passos Manuel (processo de obra particular número 615, da Câmara Municipal do Porto), é a obra moderna com que Cassiano Branco encerra os extraordinários anos 30 do seu ciclo de produção moderna.

Nesse sentido, depois de regressar de uma viagem a Espanha, França e Inglaterra, instalou-se transitóriamente no Porto. A viagem a Inglaterra ter-lhe-á sido bastante útil pela possibilidade de adquirir um conhecimento pormenorizado de salas de espetáculos inseridos no espaço urbano, como o *Dreamland*, de 1935, em Margate, no Kent, e o *Ódeon*, de 1937, em Leicester Square.

A história do Coliseu do Porto está pejada de polémica devido à questão da autoria, às vicissitudes da construção³⁶ e aos conflitos de Cassiano Branco com a Companhia de Seguros Garantia, promotora do edifício, que com ele rescindiu o contrato antes do final da obra, a 10 de outubro de 1949, impedindo-o de completar o trabalho, apesar dos seus estudiosos serem unânimes em lhe reconhecer a sua criação.

Nesta obra, pese o enorme escudo da cidade do Porto, Cassiano Branco assinala, como nunca, o domínio de uma arquitetura de linguagem internacional, através dos planos verticais, das janelas rasgadas e dos vãos redondos.

Cassiano Branco, a 25 de novembro de 1941, referia na memória descritiva do Coliseu do Porto que o alçado de uma casa de espetáculos deve ser um elemento de publicidade permanente, melhor ainda, deve ser um espetáculo de formas arquitetónicas e de luz, que impressionem o espírito do público que as vê (...) inspirado nas consequências racionais e soluções técnicas dos materiais de construção modernos, no espírito das coisas que nos cercam e que somos fatalmente forçados a

³⁶ Quando, em agosto de 1939, Cassiano intervém no Coliseu do Porto já o processo construtivo estava em curso.

sentir, interpretar, a construir, em conclusão a reproduzir a vida humana que evolui e que tem como uma das suas projeções, - a arquitetura [referindo-se ao alçado do edifício] (...) grande marquise de cimento armado revestida a vidro opalino branco e ferro de perfis especiais [referindo-se à entrada da obra] (...) sobre um sistema de vigas de cimento armado, integrados em pilares também de cimento armado revestidos de granito polido. Integrada nos motivos que constituem o alçado [erguia-se] uma torre de 42 metros de altura, também em cimento armado, onde se [fixavam] ferros de perfis especiais revestidos a vidro opalino branco. A torre, assim como a marquise e as grandes aberturas [seriam] iluminadas interiormente por projetores e lâmpadas, e exteriormente [seriam] iluminadas por néon de cores verde, branco e encarnado [referindo-se novamente ao alçado da edificação]³⁷.

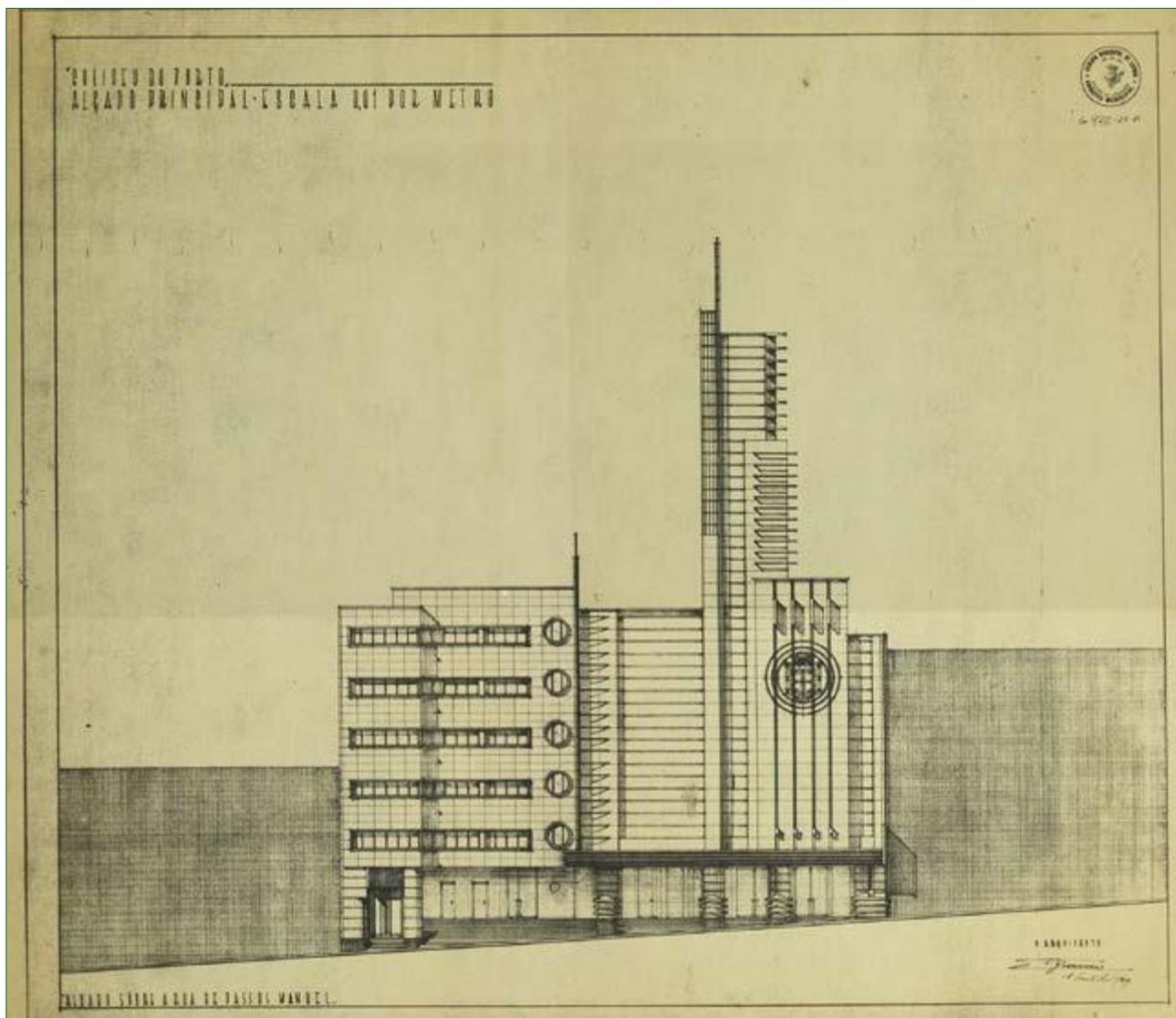


Figura 10 - AML - Cassiano Branco, *Coliseu do Porto: alçado principal*, 1938, PT/AMLSB/CB/06/03/16

O Comércio do Porto descreve a obra salientando que:

O átrio é espaçoso e majestoso. Depois o hall com sumptuosas escadarias. Mármore e dourados por todos os lados. Grandes e largos corredores à extensão dos quais se vêm montras. Vestiários, bares, etc – tudo obedecendo aos últimos requisitos nas construções deste género. O conforto tanto se nota na plateia como nos lugares populares. O salão de festas é deveras grandioso e imponente. As escadarias de acesso aos lugares dos andares superiores são suaves e espaçosas. Muitos detalhes havia a mencionar - mas basta que digamos que o Coliseu do Porto representa um título de triunfo para a nossa cidade - e que ali tudo acusa beleza, majestosidade, conforto, elegância e modernismo³⁸.

³⁷ Memória descritiva do processo de obra do Coliseu do Porto, p.109, cit. por PINTO, Paulo Tormenta – *ibidem*, p. 92.

³⁸ AA.VV – Teatros e Cinemas. Homenagem dos construtores e decoradores do Coliseu do Porto à empresa proprietária desta casa de espetáculos e à imprensa. In *O Comércio do Porto*, 19 de dezembro de 1941.

O Coliseu do Porto, com que Cassiano Branco encerra a sua atividade projetual nos anos 30, afirma-se como uma obra de síntese, de grande maturidade estilística e plena modernidade. Todavia, partir da Exposição do Mundo Português, em 1940, inicia-se uma nova fase, que atravessa os anos 40, visivelmente marcada pela falta de trabalho e de quase total abandono da arquitetura moderna de que no decénio anterior fora o expoente máximo em Portugal. Este período define-se abertamente pelos modelos de arquitetura do Estado Novo, ao qual nem a sua própria habitação, na travessa da Fábrica das Sedas, no n.º 7-7A, em Lisboa³⁹, construída em 1945, escapou, com raras exceções de arquitetura moderna, como o Café Cristal, no n.º 145-153 da avenida da Liberdade, em 1942 (processo de obra particular número 5.004)⁴⁰.

Nos anos 50, Cassiano Branco continuou a oscilar entre o “estilo português”⁴¹ e um ecletismo de diferentes inspirações, mas de resultados duvidosos. É deste período, 1950 e 1957, o projeto do Hotel Infante de Sagres, na Praia da Rocha, e a proposta de ampliação do edifício da Sede da Junta Nacional do Vinho, em Lisboa, na rua Mouzinho da Silveira, n.º 5-5A (processo de obra particular número 19.694), que revelam um esforço de integração numa estilística moderna, que Cassiano Branco claramente não soube acompanhar, tendo sido recusadas.

Na década de 60, Cassiano Branco elabora alguns projetos em que demonstra um último esforço de acompanhamento de uma arquitetura de influência internacional, como a segunda proposta de ampliação do edifício da Sede da Junta Nacional do Vinho, em Lisboa; o posto fronteiriço de Galegos, em Marvão; o Grémio do Comércio dos Concelhos de Torres Vedras, Cadaval e Sobral de Monte Agraço; os estudos para um edifício na Rebelva, em Parede; o edifício para os Correios Telefones e Telégrafos, em Portimão, entre outros. Nenhum deles, todavia, acabou por ser construído. Pese os exemplos anteriores, a alternância entre um ecletismo de inspiração tradicional e de inspiração moderna fica mais uma vez assinalada no último projeto de Cassiano Branco, para o concurso público da agência de Évora do Banco de Portugal, novamente reprovado, onde o moderno se disfarça com o antigo, afinal o derradeiro exemplo da ambiguidade que marca a sua obra a partir de 1940.

Notas finais

Cassiano Branco foi o mais importante arquiteto da primeira metade do século XX em Lisboa, particularmente entre finais dos anos 20 e durante toda a década de 30. Apesar de não ter pertencido ao grupo de pioneiros foi o arquiteto da primeira geração moderna que mais permanentemente utilizou a linguagem modernista, estabelecendo um diálogo com a cultura internacional. Tal é visível sobretudo na variedade de fachadas de séries de vulgares prédios de rendimento que projetou e que vão criar um modelo estético, profusamente copiado, que se vai difundir a grande parte da cidade, definindo-a.

O Coliseu do Porto, obra de síntese fundamental na carreira de Cassiano Branco, onde ele leva mais longe a referência de uma arquitetura de carácter internacional, encerra a produção modernista dos anos 30.

Neste período a sua capacidade inventiva formal traduziu-se num grande ecletismo de trabalho produzido, de tal forma que intercalando as suas inúmeras obras modernas surgem outras de linhas clássicas, num estilo posteriormente designado de “Português Suave”, como que a antever a década seguinte.

A partir de 1940, com a Exposição do Mundo Português, verifica-se uma profunda alteração de valores, de cedência e resignação da obra construída por Cassiano Branco ao estilo Arquitetura de Estado Novo, em que, fascinado pela história de Portugal, procura nesta a legitimação da sua arquitetura, que irá recriar no Portugal dos Pequenitos, em Coimbra.

Cassiano Branco, e a sua obra, são, afinal, o paradigma das complexidades, hesitações e equívocos que marcaram a construção do modernismo em Portugal.

³⁹ Processo de obra particular número 5.391.

⁴⁰ O Cinema Império, na alameda D. Afonso Henriques, n.º 35 a 35D, de 1940 (processo de obra particular número 3.506), pese algumas sugestões de uma arquitetura moderna, já reflete o declínio da obra de Cassiano Branco. No mesmo sentido, a moradia da avenida Gago Coutinho, n.º 166-166A de 1950 (processo de obra particular número 8.426), esteve longe dos resultados pretendidos em termos de uma síntese moderna.

⁴¹ O prédio de habitação na praça de Londres, n.º 3-3E, de 1951 (processo de obra particular número 9.457) é o exemplo mais conhecido da arquitetura do Estado Novo projetado por Cassiano Branco, juntamente com outro, também na capital, localizado no n.º 53/53F, da rua dos Navegantes (processo de obra particular número 4.204).

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

Arquivo Municipal de Lisboa

Documentos fotográficos

Cassiano Branco, *Éden Teatro: Perspetiva*, [1931], PT/AMLSB/CB/06/01/08; *Coliseu do Porto* PT/AMLSB/06/03; Cassiano Branco, *Costa de Caparica – Praia Atlântico: Pormenor de solução urbanística*, 1930, PT/AMLSB/CB/09/02/06; *Costa da Caparica* PT/AMLSB/CB/09/02/06; *Alpendres no Rossio* PT/AMLSB/11/06.

Autor não atribuído, [*Stand Rios de Oliveira*], [1928], PT/AMLSB/CB/02/08; *Quiosque-esplanada na avenida da Liberdade* PT/AMLSB/CB/04/06; *Avenida José de Almeida* PT/AMLSB/CB/05/02; *Avenida Columbano Bordalo Pinheiro* PT/AMLSB/CB/05/03; [*rua Nova de São Mamede, n.º 17A*], [1933], PT/AMLSB/CB/05/32; [*avenida Defensor de Chaves, n.º 27*], 1937], PT/AMLSB/CB/05/34; [*avenida Álvares Cabral, n.º 46*], [1936], PT/AMLSB/CB/05/35

Processos de obra:

Números 4.162; 5.004; 11.299; 18.495; 19.694; 46.592; 46.572; 46.573 e 46.590; 46.937; 47.027; 47.243; 47.355; 47.677; 47.870; 48.074; 48.076; 48.144; 48.226; 48.337; 48.770; 48.771; 48.769; 49.020; 49.127; 49.421; 49.156; 49.435; 49.338; 49.890; 51.011; 51.324.

Estudos

AA. VV. – *Cassiano Branco uma Obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Cultura / Edições Asa, 1991.

BÁRTOLO, José – *Cassiano Branco*. Lisboa: Quidnovi, 2011.

BENEVOLO, Leonardo – *Historia de la Arquitectura Moderna*. 8.ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

CARVALHO, Maria Mendes de Jesus – *Cassiano Branco: a obra*. Lisboa: [s.n.], 1998. Tese de mestrado em Teoria da Arquitetura, apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa.

FERREIRA, Raúl Hestnes; SILVA, Fernando Gomes – *Catálogo Cassiano Branco*. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1983.

FERRO, António – *Hollywood, Capital das Imagens*. Lisboa: Portugal Brasil, 1931.

FRANÇA, José Augusto – *Os anos vinte em Portugal, Estudos de Factos Sócio-Culturais*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

MAIA, Maria Augusta Agrego – *Cassiano Branco: Um tempo, uma Obra: 1897-1970*. Lisboa: [s.n.], 1986. Tese de mestrado em História de Arte Contemporânea, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PEVSNER, Nikolaus – *Os Pioneiros da Arquitectura Moderna*. Tradução portuguesa de João Paulo Monteiro. Lisboa-Rio de Janeiro: Editora Ulisseia, 1962.

PINTO, Paulo Tormenta – *Cassiano Branco, 1897-1970 – arquitetura e artifício*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

QUADROS, António – *O primeiro Modernismo Português – Vanguarda e Tradição*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

.....